**“TÁ TUDO AQUI NO DIÁRIO, O ACHADO E O SUMIDO!”: Caminhos de uma pesquisa com crianças numa escola das infâncias em Niterói/RJ**

*Nayara Alves Macedo[[1]](#footnote-1)*

**EIXO TEMÁTICO:** Participação das crianças em pesquisas e na gestão institucional

**RESUMO**

O presente estudo é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que objetiva investigar o que um grupo de crianças revela sobre o que é ser criança no contexto de uma escola pública das infâncias. Elegemos para a discussão e foco do nosso olhar: o diário de pesquisa das crianças, dispositivo epistêmico criado durante o percurso da investigação. O estudo se fundamenta no campo dos Estudos da Infância e da Criança, contextualizando-as no campo de produção acadêmico-científica contemporânea.

Palavras-Chave: Pesquisa com crianças; Infâncias; Educação Infantil.

**INTRODUÇÃO**

O presente estudo é oriundo de uma pesquisa de mestrado em andamento que se propõe a compreender, o que um grupo de crianças revela com seus jeitos e modos infantis, sobre a experiência de ser criança numa escola das infâncias.

O estudo se fundamenta no campo dos Estudos da Infância e da Criança, em diálogo com as Ciências Humanas, contextualizando-as no campo de produção acadêmico-científica contemporânea: Faria e Finco (2011), Kramer (1993), Kohan (2018), Pereira (2012), Sarmento e Gouvea (2009) dentre outros autores que, para além das fronteiras disciplinares, consideram as crianças sujeitos e não meramente objetos de estudos e investigações, tendo o compromisso de efetivamente incluir a participação das crianças pequenas na pesquisa. Trata-se de um recorte de uma pesquisa com crianças, na qual os encaminhamentos epistêmicos e metodológicos contemplam a investigação qualitativa de cunho etnográfica. Vimos utilizando como procedimentos metodológicos, conversas com as crianças, câmera fotográfica e o registro pelas crianças em seu *diário de pesquisa.* Esse último, construído pelas crianças durante o percurso de investigação, elegemos como foco do nosso olhar e discussão.

A inquietação de pesquisar com crianças, emerge do trabalho no/do/com o cotidiano, na minha atuação como professora-pesquisadora (GARCIA, 2003) numa Unidade Municipal de Educação Infantil localizada na zona norte de Niterói, RJ. E é com um grupo de crianças desta instituição, companheiras de tantas experiências e descobertas que busco dar sentido ao trabalho investigativo.

Trazer as crianças, como pesquisadoras qualificadas, informantes privilegiadas sobre um tema que as cercam, aspectos que lhes dizem respeito e, de certa forma, produzem sentidos a elas, é ter como premissa que “a fala da criança é uma inversão nos processos de subalternização, é um movimento político”. (ABRAMOWICZ, 2011, p. 24). E é no que reside à relevância deste estudo, a possibilidade de compartilhar o que as crianças pensam e dizem por meio das suas múltiplas linguagens refletindo o quanto podemos aprender com os saberes infantis, com as lógicas das crianças.

Na esteira dessa reflexão, para que a investigação não esteja limitada a mera interpretação adulta das vozes infantis, é preciso levar em conta as especificidades das crianças, as suas culturas infantis, o que envolve um trabalho metodológico criativo. Estar com as crianças em pesquisa exigiu de mim a construção de estratégias de troca e interações num desafiador processo de escutar as crianças e negociar com elas diferentes formas de comunicarmos suas experiências.

É por um lado, um desafio à imaginação metodológica, à sua criatividade, para a definição de ferramentas metodológicas polifônicas e cromáticas; por outro lado, é também um desafio á redefinição da sua identidade enquanto investigadores, que têm de se descentrar do tradicional papel de gestor de todo o processo, para encarnar o papel de parceiro que fará gestão da sua intervenção com a consideração da voz e ação dos outros intervenientes – as crianças (FERREIRA, 2004, p.30).

Foi ao lado das crianças, interagindo com elas que a ideia da construção de um *diário do* *grupo* se materializou como um dispositivo epistêmico*.* E este, nos interessou enquanto processo vivido e marcado pelas experiências das crianças com a pesquisa, num processo contínuo e cotidiano, em que a criança inventa e cria o que fazer e a forma como vai fazer, nem sempre de pronto decifrável e compreensível. Pode-se dizer que as crianças relacionaram-se com o diário, expressando o seu conhecimento de mundo, transcendendo os limites do espaço em branco da folha de papel, ao imprimir nele novos sentidos e significados, em que a criação estava encharcada da autoria de sujeitos sociais, culturais e históricos - portadores de potência e palavra.

 **“TÁ TUDO AQUI NO DIÁRIO: O ACHADO E O SUMIDO”**

“*Vamos colar essa folha aqui no Diário, achei lá na casinha, mas ela é mágica porque tinha um bicho nela” Exclamava Weberson*. E cadê o bicho? Perguntei. “*Ué Sumiu!* *Ai eu peguei a folha sem o bicho mesmo*”, explicou o menino. Nesse momento peguei um durex a fim de guardar a folha mágica no diário, e registrar o que Weberson me contava. Enquanto tentávamos a façanha de grudar a folha no papel, ele me falava mais sobre o vivido com a folha e o bicho. Após a nossa conversa, Weberson colocou a mão no diário e me disse: “*Agora assim, tá tudo aqui no diário, o achado e o sumido!”.* (Caderno de Campo)

O diário das crianças acolhe o *achado e o sumido*, o dito e o não dito, a disposição cotidiana das crianças em estar atentas ao diverso – atentas a vida numa escola das infâncias que estava sempre a pulsar e a nos mover. Os registros dizem sobre as crianças. Tantas crianças. Crianças negras e brancas. 09 meninos e 13 meninas na faixa etária entre 04 e 05 anos. Seja nos caminhos que mobilizam na pesquisa e/ou no diário que registram, as crianças revelam suas culturas infantis, suas expressões criativas, seu fluxo imaginário, suas relações com a natureza, com o tempo, com o seu próprio corpo, com o outro, com o mundo. Seus modos específicos de compartilharem suas experiências.

Em sua maioria os registros do diário estão sendo feitos através de desenhos, uma linguagem infantil marcada por traços da criação e da imaginação, uma poética própria que busca dar forma a elaboração pessoal da criança, e pode revelar como as crianças interpretam suas experiências e interações.

Gobbi (2005) com o propósito de conhecer como as crianças percebiam as relações de gênero, analisou desenhos infantis, seguido do que era dito enquanto produzido por meninas e meninos. Para a autora, os desenhos são concebidos como documentos e conjugados à oralidade, nos fornecendo um importante instrumento para conhecermos mais e melhor as crianças pequenas.

As crianças ao desenhar seus pensamentos e emoções, bem como reflete Stacciolo (2014) representam também o invisível, aquilo que nos tira a certeza interpretativa, uma vez que “ninguém sabe como se desenham os pensamentos ou as reflexões em torno de uma experiência, ou que cores têm as emoções e as percepções...” (STACCIOLO, 2014, p.100).

Numa tarde em pesquisa, um diálogo inesperado foi tecido com uma das crianças:

*\_ Que horas é agora?* Perguntou-me Geovana.

\_ Já são 15h30.

*\_ E agora, que horas tá?*

*\_* Agora são15h42.

\_ *E agora?* Insistiu a menina mais uma vez.

\_ Mas, que horas você quer que chegue?

*\_ A hora da gente ir embora, ué!*

\_ Não tá gostando de ficar aqui hoje?

*\_ Tô, mas eu tô com dor de cabeça, dor de orelha, dor até no pé, ai eu quero ir embora mesmo*.

\_Quanta dor! E quando você sair daqui vai pra algum lugar?

*\_ Eu vou pra casa da tia Claúdia, né, vou brincar com minha prima, aí eu tô com uns brinquedos na mochila pra levar pra ela ver e brincar comigo.*

\_ Entendo, mas já está quase na hora da saída, já, já você vai se encontrar com sua prima. Você quer registrar no nosso diário sobre esse tempo que demora a passar? Com o balançar da sua cabeça, demonstrando um gesto de assentimento, pego o diário e entrego para ela.

(...)

*“Olha, fiz o seu relógio e esse aqui é o meu que tá lá na minha casa”* indicou Geovana, apontando para o meu pulso e para a folha do diário contendo o desenho de dois relógios de pulso coloridos. Ela desenhou esse grande organizador e controlador da vida em uma escola das infâncias. (Caderno de Campo)

Geovana parecia questionar os ponteiros do relógio que para ela custavam a andar. Parece sofrer ao lutar com o Khrónos[[2]](#footnote-2) com sua previsibilidade irredutível, com seu movimento orquestrado, ensaiado, sucessivo que não permite improvisos. Pois a “infância habita o tempo aión, ou seja, tempo da vida humana, intensivo, experiencial, o tempo do brincar, do pensar, o tempo, também da Filosofia” (Kohan, 2018, p.86).

Durante a pesquisa, inúmeras vezes ouvi as crianças em seus embates com Khronós: “Tá chegando a hora do parque?” “Que horas vai ser o lanche?” “Hoje a gente só tem sala?”. Desse modo, penso ao me perguntar: é possível descolonizar o tempo? O tempo de uma escola das infâncias, sua rotina operacionalizadora, que diz quando é o tempo de brincar, de criar, de passear, de comer, de correr, de entrar, de ficar, de sair. Independente dos tempos individuais e singulares que cada criança constrói.

 Em um determinado momento pensei que o tempo na escola das infâncias pertencia aos adultos, que apresentavam para as crianças a sua estruturação, e quando bons ouvintes negociavam com elas uma parte ou outra da temporalização do dia. No entanto, em pesquisa, percebi que as crianças já tinham entrado na disputa pela legitimação do seu tempo, que na maioria das vezes contrastava com os limites propostos pelos adultos. Com a mochila no colo, e o lanche embaixo de suas mesas, comiam escondidinho sentadas na sala; se prolongavam nas idas ao banheiro e bebedouro, correndo e brincando, apostando rápidas corridas que só eram permitidas pela rotina no espaço do parque. Na casinha, com as folhas caídas das árvores criavam produções artísticas, sentavam em roda, discutiam suas obras, sem nenhuma organização ou orientação de suas professoras.

Reflito, assim, em diálogo com Kohan (2018, p.87) para quem:

A política infantil é completamente sem lugar e contrastante com a política das instituições: ela não sabe e busca desconhecer os saberes instituídos, e não sabe porque os desconheça mas porque não os aceita enquanto tais, decide questioná-los, desaprender o que sabemos, afirmar o valor do que não sabemos, e também procurar querer saber o que não podemos saber.

Penso que escutar as crianças, é abrir um espaço para pensarmos fora de nós mesmos, como insiste o autor é um exercício descolonizador do pensamento, “porque talvez, quem sabe, educar tenha a ver com experimentar e criar as condições para que um certo tempo possa ser experimentado” (KOHAN,2018, p.88).

O tempo aiónico que não é numerado, sucessivo e nem consecutivo, não está dado, muito menos posto nos nossos modos de nos organizarmos na escola das infâncias, contudo perseguir habitar esse tempo, em que habitam as crianças, é perseguirmos encontros com outras/novas temporalidades e consequentemente outras/novas experiências.”

É isso que eu quero deixar para vocês pensarem, que se trata de descolonizar nossas escolas, nossa experiência escolar, nosso tempo de escola, nosso pensar na escola daquilo que nos aprisiona e nos afasta de uma experiência infantil do tempo e da vida. A infância então seria descolonizadora e não colonizada, pelo menos em relação ao tempo. A infância nos educa e nos descoloniza de um modo de estar aprisionados no tempo e, com ele, na vida (KOHAN, 2018, p.97).

Mobilizada por essas ideias, folheio as demais página do diário das crianças e sem seguir o ímpeto de fechá-lo indago: quantos saberes valores, práticas sociais estarão guardados neste diário? Quantas construções, crenças, vivências, deslocamentos estarão encharcados nesses registros? Enfim, tantas formas das crianças serem e viverem seus jeitos e manias de ser quem são. Inquietei-me com algumas de suas provocações, e tantas outras que sinto ter deixado escapar. De tudo, confesso, permanece o desejo de encontrar-me com a sua alteridade “isto é, da sua especificidade, da sua diversidade, da sua diferença e do seu anarquismo” (FARIA E FINCO, 2013, p 1828).

**PARA NÃO CONCLUIR:**

É possível desvendar e conhecer o mundo das crianças, a partir de seus próprios olhares? Com meus olhos desavisados, sou instigada pelas crianças a *transver* o mundo. Mundo imaginado, construído, vivido, desenhado por tantos e diversos olhares. O que eles podem nos revelar? O que podemos apreender e apontar?

Nesse exercício de escuta verdadeira e sensível em relação ao assombro revelado pelas crianças, vamos descobrindo ou inventando novos caminhos, apontados por essas investigadoras incansáveis que elas são, que se colocam, na maioria das vezes, em uma relação muito íntegra com o mundo (LOPEZ, 2018, p.11).

Para Gobbi (2005) trata-se de maravilhar-se, uma condição indispensável para aqueles que como nós, querem chegar até as crianças.

É valorizar o universo infantil que é inevitável e ricamente diverso do universo adulto. No deslumbramento proposto, trata-se de reconhecer nestes mundos das crianças, as regras e as normas próprias para suas relações, que, ao serem reconhecidas, podem colaborar para o desenvolvimento de uma interculturalidade entre adultos e crianças (GOBBI, 2005, p.46).

Convite lançado! E que possamos ter a capacidade de nos deixarmos levar pelo deslumbramento proposto por crianças, que entre tantos caminhos possíveis e inventados nos convidam a produzir *mundos no mundo*.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Ana Lúcia; FINCO, Daniela (Orgs.). *Sociologia da infância no Brasil.* Campinas: Autores Associados, 2011.

BARBOSA. Maria Carmen.*Por amor e por força. Rotinas na educação infantil.* Porto Alegre: Artmed, 2008. Versão Kindle.

FARIA, Ana Lúcia; FINCO, Daniela (Orgs.). *Sociologia da infância no Brasil.* Campinas: Autores Associados, 2011.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Creches e pré – escolas em busca de pedagogias descolonizadoras que afirmem as diferenças. In: ABRAMOWICZ, Anete e VANDENBROECK, Michel (Orgs.). *Educação Infantil e diferença*. Campinas: Papirus, 2013. Edição kindle.

FERREIRA, Manuela*.“A gente gosta é de brincar com os outros meninos!”*- *relações
sociais entre crianças no Jardim de Infância*. Porto, Edições Afrontamento, 2004.

GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: Garcia, Regina (Org.) *Método: pesquisa com o cotidiano***.** Rio de janeiro: DP&A, 2003.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In: FARIA, Ana Lúca; DERMATINI, Zeila; PRADO, Patrícia, (Orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças.* Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

KOHAN, O. Walter. A infância descolonizadora do tempo In: SANTOS, Solange; SANTIAGO, Flávio; BARREIRO, Alex; MACEDO, Elina; FARIA, Ana Lúcia (Orgs). *Pedagogias descolonizadoras e infâncias: por uma educação emancipatória desde o nascimento*. Maceió: EDUFAL, 2018.

KRAMER, Sônia. *Por entre as pedras: armas e sonho na escola.* São Paulo: Editora Ática, 1993.

LÓPEZ. María Emilia. *Um mundo aberto: cultura e primeira infância*. São Paulo: Instituto Emília, 2018.

PEREIRA, Rita; Neila Mara Rezende, (Orgs.). *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012.

SARMENTO, Manoel; GOUVEA, Maria Cristina, (Orgs). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

STACCIOLI, Gianfranco. Os traços invisíveis nos desenhos das crianças. In: GOBBI, Marcia; PINAZZA, Mônica (Orgs.). *Infância e suas linguagens*. São Paulo: Cortez, 2014.

1. Pedagoga (UFF), Mestranda em Educação no PPGedu (UERJ/FFP) Professora de educação infantil no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro. Contato: nayara\_macedo@yahoo.com.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Chrónos representa o tempo cronológico, sucessivo, objetivo. Na mitologia grega, representa o deus do tempo. Um deus que devorava seus filhos, diante da ameaça da profecia segundo a qual um deles o destronaria. [↑](#footnote-ref-2)